

problema è complesso e comporta diverse soluzioni. È veramente un peccato che la ristrettezza di tempo non mi permetta di esprimere adesso il mio pensiero”...

Dall’ indefinizione prudente, dal gesto solenne e dalla studiata gentilezza gli nasce infine la consacrazione.

*Versão: Miriam Carneiro de Souza, sob orientação da Profª. Susana Termignoni.*

## **Festa de criança**

Luis Fernando Veríssimo

Você reconhece quem teve uma festa de criança em casa no dia anterior. Alguma coisa no rosto. A expressão de quem chegou à terrível conclusão de que Herodes talvez tivesse razão.

- Que respiração ofegante o senhor tem!
- Foi de tanto encher balão.
- Que dificuldade o senhor tem para caminhar!
- Foi de tanto levar canelada tentando apartar briga.
- Como as suas mãos estão trêmulas!
- Foi de tanto me controlar para não esgoelar ninguém!

Respeito e consideração para quem teve uma festa de criança no dia anterior.

O pai e a mãe estão atirados em um sofá, um para cada lado. Semiconscientes. Já é noite, mas a festa ainda não acabou. Sobram três crianças que não param de correr pela casa.

- Tenho uma idéia — diz o pai.
- Qual é?
- Vamos mandar eles brincarem no meio da rua. Esta hora tem bastante movimento.

— Não seja malvado. Daqui a pouco eles vão embora.

— Quando? Essas três foram as primeiras a chegar. Acho que os pais deixaram elas aqui e fugiram para o exterior.

Uma menina cruza a sala na corrida. Quando chegou, tinha o vestido mais engomado da festa. Depois de três banhos de guaraná e uma batalha de brigadeiros, parece uma veterana das trincheiras.

---

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Festa de criança. In: \_\_\_\_\_. **Orgias**. Objetiva: Rio de Janeiro, 2005. © by Luis Fernando Veríssimo.

— Essa aí é a pior — diz o pai, num sussuro dramático. — Essa baixinha! É um terror!

— Coitadinha. É a Cândida.

— Cândida?! É uma terrorista!

— Sshhh.

— De onde é que saiu essa figura?

— É uma colega do Paulinho.

— E aquele ranhento que não pára de comer?

— É o Chico. Também é colega.

— Será que não alimentam ele em casa? E o outro, o que está pulando de cima da mesa?

— É o Paulinho! Você não reconhece seu próprio filho?

— Ele está coberto de chocolate.

— É que teve uma luta de brigadeiros com a Cândida...

— E perdeu, claro. A Cândida é imbatível. Guerra de brigadeiros, jiu-jitsu, vôlei com balão, hipismo com cachorro. Ela foi a única que conseguiu montar o Atlas.

— Por falar nisso, onde é que anda o Atlas?

— Fugiu de casa, lógico. Era o que eu deveria ter feito.

— Ora, é só uma vez por ano...

— Você precisava me lembrar? Pensar que daqui a um ano tem outra...

— Você não pode falar. Você também gosta de fazer festa no seu aniversário.

— Mas nós somos finos. Nenhuma festa teve guerra de chocolate. Nos embebedamos como pessoas civilizadas.

— Ah é? E o anão com o trombone?

— Essa história você inventou. Não havia nenhum anão com trombone.

— Ah, não? A Araci é que sabe dessa história. Só que ela foi embora no mesmo dia.

— O Chico se aproxima.

— Tem mais cachorro quente?

— Não, meu filho. Acabou.

— Brigadeiro?

— Também acabou, Chico.

— Dá uma lambida na cabeça do Paulinho — sugere o pai, sob um olhar de reprimenda da mãe.

— Puxa, não tem mais nada? — diz Chico. E se afasta, desconsolado.

— E ainda reclama, o filho da mãe!

— Shhh.

— Bom, você eu não sei, mas eu...

— Você o que?

— Vou tomar meu banho, se é que ainda tenho forças para ligar o chuveiro,

e ver televisão na cama.

— E quando chegarem os pais?

— Que pais?

— Os pais da Cândida e dos outros, ora.

— O que é que eu tenho com eles?

— Quando eles chegarem, você tem que receber.

— Ah, não.

— Ah, sim!

— Mais essa?

Batem na porta. O pai vai abrir, esbravejando sem palavras. É um casal que se identifica como os pais da Cândida.

— Entrem, entrem.

— Nós só viemos buscar a...

— Não, entrem. A Cândida não vai querer sair agora. Ela é um encanto. Meu bem, os pais da Cândida. Sentem, sentem.

O pai esfrega as mãos, subitamente reanimado.

— Quem sabe uma cervejinha? Querida, vá buscar.

Como a Araci se foi, a própria mãe — que se ocupou com a festa desde de manhã cedo, que mal se agüenta em pé, que podia matar o marido — vai buscar a cerveja. Pisando nos embrulhos de doces, nos copos de papelão e nos balões estourados que cobrem o chão e que ela mesma terá que limpar no dia seguinte. Respeito e comiseração para as mães que tiveram festa de criança em casa, no dia seguinte.

Enquanto isso o pai acaba de abrir a porta para os pais do Chico e os manda entrar, entusiasmado com a idéia de começar sua própria festa.

— Querida, mais cerveja!

Si riconosce subito chi ha avuto una festa per bambini a casa il giorno prima. Qualcosa sul viso. L'espressione di chi è arrivato alla terribile conclusione che Erode forse aveva ragione.

- Che respiro affannoso ha!
- A forza di gonfiare palloncini.
- Che difficoltà a camminare!
- Son tutti i calci che ho preso cercando di separare chi litigava.
- Che mani tremanti ha!
- È lo sforzo fatto per non strozzarne qualcuno.

Rispetto e considerazione per chi ha avuto a casa il giorno prima una festa per bambini.

Padre e madre sono crollati sul divano, uno per lato. Semicoscienti. È già notte, ma la festa non è ancora finita. Restano tre bambini che non smettono di correre per la casa.

- Ho un'idea — dice il padre.
- Che idea?
- Facciamoli giocare in mezzo alla strada. A quest'ora c'è parecchio traffico.
- Non essere cattivo. Fra poco se ne andranno.
- Quando? Questi tre sono stati i primi ad arrivare. Credo che i genitori li abbiano lasciati qui e siano scappati all'estero.

Una bambina attraversa il salotto a tutta birra. Quando è arrivata aveva il vestito più inamidato di tutti. Dopo tre bagni di guaraná e una battaglia di *brigadeiros*\* sembra una veterana delle trincee.

---

\* *Brigadeiros*: dolce brasiliano a base di cioccolato, tipico delle feste infantili.

— Quella lì è la peggiore — dice il padre, in un sussurro drammatico. — Questa piccolina... è un terremoto!

— Poverina. È la Candida.

— Candida?! È una terrorista!

— Sshhh.

— Ma da dove è sbucata?

— È una compagna di scuola di Paolino.

— E quel moccioso lì che non smette di mangiare?

— È Checco, un altro compagno.

— Non gli daranno da mangiare a casa? E l'altro, quello che salta giù dal tavolo?

— È Paolino! Possibile che tu non riconosca tuo figlio?

— Ma è coperto di cioccolato!

— Certo, ha avuto una battaglia di *brigadeiros* con la Candida ...

— E l'ha persa, di sicuro. Candida è imbattibile. Guerra di *brigadeiros*, jiu-jitsu, pallavolo col palloncino, equitazione col cane. È stata l'unica capace di montare l'Atlas.

— A proposito, dov'è andato Atlas?

— È scappato di casa, chiaramente. E io dovrei fare lo stesso.

— Suvvia, è solo una volta all'anno...

— Bisognava ricordarmelo? Pensare che fra un anno ce ne sarà un'altra...

— Senti chi parla! Anche a te piace festeggiare il compleanno.

— Ma noi siamo raffinati. Quando mai abbiamo fatto battaglie di cioccolato in una festa? Ci siamo ubriacati da persone civilizzate.

— Ah sì? E il nano col trombone?

— L'hai inventata tu questa storia. Non c'era nessun nano col trombone.

— Ah, no? Questa storia la conosce bene la colf. Ma purtroppo se ne è andata quel giorno stesso.

Checco si avvicina.

— Ci sono ancora hot dog?

— No, figliolo. Sono finiti.

— *Brigadeiros*?

— Anche quelli sono finiti, Checco.

— Perché non lecchi la testa di Paolino? — suggerisce il padre, sotto lo sguardo di rimprovero della madre.

— Caspita, non c'è più nulla? — dice Checco. E si allontana sconsolato.

— Addirittura protesta, il figlio di una buona madre!

— Shhh.

— Beh, cosa farai non lo so, ma io...

— Tu cosa?

— Vado a fare la doccia, sempre che abbia ancora forze per attaccare lo scalbagnò, e poi guarderò la tv a letto.

— E quando arriveranno i genitori?

— Quali genitori?

— I genitori di Candida e degli altri, ovviamente.

— Ma che c'entro io con loro?

— Quando arriveranno lì dovrai ricevere.

— Ah no.

— Ah sì!

— Ci mancherebbe altro!

Bussano alla porta. Il padre va ad aprire, bestemmiano fra sé e sé. È una coppia che si presenta come i genitori di Candida.

— Prego, prego...

— Siamo solo venuti a prendere...

— No no, entrate, prego. Candida non vorrà uscire ora. È tanto carina questa bambina... Cara, i genitori di Candida. Accomodatevi, accomodatevi.

Il padre si frega le mani, improvvisamente rinvigorito.

— Che ne direste di una birretta? Amore, vai a prenderci una birra.

Siccome la colf non c'è più, è la madre stessa — che si è data da fare con la festa sin dalla mattina presto, che appena si regge in piedi, che poteva ammazzare il marito — che va a prendere la birra. Pestando la cartaccia dei dolci, i bicchieri di cartone e i palloncini scoppiati che ricoprono il pavimento e che toccherà a lei pulire il giorno dopo. Rispetto e compassione, il giorno dopo, per le madri che hanno avuto a casa una festa per bambini.

Intanto il padre apre la porta ai genitori di Checco e li fa entrare, eccitato dall'idea di cominciare la sua propria festa.

— Amore, un'altra birra.

*Versão de Eunice Carmo dos Santos e Lígia Rockembach, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Susana Termignon.*